

# CLIPPING

**Veículo:** Instituto de Pesquisas Ambiental da Amazônia **Data:** 15/ 06 /2010  
**Pág.:** Online

## **Vida em São Paulo será mais difícil com mudança climática**

Projeções indicam que, caso siga o padrão histórico de expansão, a mancha urbana da Região Metropolitana de São Paulo será o dobro da atual em 2030, aumentando os riscos de enchentes, inundações e deslizamentos na região, atingindo cada vez mais a população como um todo e, sobretudo, os mais pobres. Isso acontece porque essa expansão deverá se dar principalmente na periferia, em loteamento e construções irregulares em áreas frágeis, como várzeas e terrenos instáveis, com grande pressão sobre os recursos naturais.

Os riscos serão potencializados pelo aumento do número de dias com fortes chuvas por conta das mudanças climáticas. Estudos preliminares sugerem que, entre 2070 e 2100, uma elevação média na temperatura da região de 2º C a 3º C poderá dobrar o número de dias com chuvas intensas (acima de 10 milímetros) na capital paulista.

Esses cenários são apresentados no relatório “Vulnerabilidade das Megacidades Brasileiras às Mudanças Climáticas: Região Metropolitana de São Paulo”, lançado hoje (15/06), em São Paulo, e se referem a projeções climáticas até 2100 para a região, além de dados e análises que mostram os impactos e vulnerabilidades atuais e projeções para 2030, através da aplicação de um modelo denominado “Hand”. Esse estudo de paisagem foi gerado a partir de um Modelo Digital do Terreno (MDT), que permitiu identificar as possíveis áreas que seriam ocupadas no futuro, caso o padrão de uso e ocupação do solo atual se perpetue sem nenhuma alteração.

Segundo o relatório, coordenado pelo Centro de Ciência do Sistema Terrestre do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (CST/INPE) e pelo Núcleo de População de Universidade Estadual de Campinas (NEPO/UNICAMP), se esse processo se concretizar, mais de 20% da área total de expansão urbana em 2030 será suscetível e poderá eventualmente ser afetada por acidentes naturais provocados pelas chuvas. Aproximadamente 11,17% dessas novas ocupações poderão ser áreas de risco de deslizamento.

Além disso, as tendências de mudanças de temperatura na região indicam que haverá um aumento no número de dias quentes, diminuição no número de dias frios, aumento no número de noites quentes e diminuição no número de noites frias. Esses dados projetam impactos significativos na saúde da população. Entre eles, está a intensificação das ilhas de calor, que prejudicam a dispersão de poluentes. Com isso, espera-se que alguns poluentes tenham a sua concentração ambiental aumentada, notadamente os gases e partículas gerados a partir de processos fotoquímicos atmosféricos, aumentando a mortalidade por conta de doenças respiratórias, entre outras.

Episódios extremos de temperatura provocam, ainda, alterações de mecanismos de regulação endócrina, de arquitetura do sono, de pressão arterial e do nível de estresse, atingindo principalmente pessoas acima de 65 anos e abaixo dos 5

anos de idade. É esperado, ainda, um aumento no número de vítimas de desabamentos, afogamentos e acidentes de trânsito, além de doenças como a leptospirose, por conta das precipitações intensas. Estudo feito para a cidade de São Paulo mostra que, entre o 14º e o 18º dia após a ocorrência de um temporal, aumentam os casos de leptospirose, principalmente em áreas mais pobres e vulneráveis onde o contato com a água contaminada é quase inevitável.

O estudo, porém, também sugere medidas de adaptação, que envolvem um conjunto de ações que as cidades da Região Metropolitana e suas instituições públicas e privadas terão que enfrentar em busca de soluções para os impactos e perigos que sofrerão. Entre elas, estão maior controle sobre construções em áreas de risco, investimentos em transportes coletivos, sobretudo o ferroviário, proteção aos recursos naturais e criação de áreas de proteção ambiental nas áreas de várzeas de rios (como os parques lineares propostos pela prefeitura de São Paulo e governo do Estado) e investimentos em pesquisas voltadas para a modelagem do clima, quantificação de benefícios decorrentes de medidas de adaptação às mudanças climáticas, entre outras.